

# Perspectivas da Internacionalização na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica

Cláudia Schiedeck Soares de Souza

O desafio de escrever sobre a internacionalização dos Institutos Federais não se resume apenas a expor vivências e experiências que nós tivemos nos últimos anos, mas também passa por colocar em poucas palavras todos os obstáculos, desafios e perspectivas da Rede Federal de Educação Profissional.

Até 2007, as poucas referências da rede em termos de relações e cooperações internacionais eram bilaterais e interinstitucionais, sem fontes de financiamento e fruto de esforços pessoais dos nossos servidores e alunos. Pouco se sabia sobre o que uma ou outra instituição realizava no âmbito de seus projetos de cooperação.

Em 2009, a partir da criação dos Institutos Federais pela Lei 11.892/2008, a qual colocava nossas instituições no mesmo patamar das universidades, começamos a estabelecer outra realidade para a Rede Federal de Educação Profissional.

Os primeiros passos foram dados quando a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, sob o comando do professor Eliezer Pacheco, criou uma Assessoria Internacional vinculada à Setec. Com técnicos formados na área de Relações Internacionais, as primeiras reuniões ocorreram em Brasília. Desse movimento nasceu o Fórum de Relações Internacionais do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif), cujos encontros se davam duas vezes por ano e renderam o primeiro documento formal sobre esse tema – “Política de Relações Internacionais dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia”. Esse documento elenca os pontos essenciais e comuns à Rede Federal e que até hoje têm balizado as ações do Conif e dos IFs por todo o país, entre eles: a internaciona-

lização como intercâmbio de conhecimentos e aprimoramento de estudantes, professores e técnico-administrativos; como estratégia de desenvolvimento; como promoção de solidariedade entre os países; e como difusão das atividades dos Institutos Federais.

Logo em seguida, a partir de 2011, o governo Dilma Rousseff criou o Programa Ciência sem Fronteiras, estabelecendo como meta o envio de 100 mil alunos ao estrangeiro, numa estratégia ousada de acelerar o processo de internacionalização do país nas mais diferentes áreas de conhecimento – mas principalmente com o objetivo de incentivar e melhorar o acesso e o desenvolvimento de novas tecnologias para fomentar o crescimento do país. O programa, celebrado por todas as instituições de ensino do Brasil país, trouxe também novos desafios. Se, por um lado, já estávamos em movimento para melhorar nossas relações com outros países, fomos forçados a encarar nossas fragilidades de nação em desenvolvimento: ausência de políticas para a formação em língua estrangeira, para a disseminação de novas culturas, para ir além de nosso narcisismo pedagógico. Com a chegada do Ciência sem Fronteiras, tornou-se crucial acelerar as ações de médio e longo prazos, bem como internalizar rapidamente conceitos pedagó-



Visita dos representantes dos Colleges Canadenses ao RS, no Câmpus Porto Alegre, em 2013

ARTIGO



Visita à Estação Experimental da área de Viticultura e Enologia, Canadá, 2013, com representação de diversos países

gicos e burocráticos novos.

O Conif, ao perceber que havia necessidade de aprimorar os canais de ligação entre as instituições e a Setec/MEC, criou a Câmara de Relações Internacionais, composta por quatro reitores e coordenada pela Reitoria do IFRS. Com esse pequeno movimento, fomos capazes de encontrar espaços antes impossíveis de interlocução. Alguns exemplos: passamos a fazer parte de missões de prospecção da Capes, CNPQ, Ministério das Relações Exteriores; há a publicação de editais de chamadas específicas para a Rede Federal de Educação Profissional; qualificação de docentes da Rede Federal com fomento específico; participação no Inglês sem Fronteiras; capacitação internacional para a inovação tecnológica, entre outras tantas ações.

A partir disso, os Institutos Federais passaram a profissionalizar suas iniciativas ações com a criação de Assessorias Internacionais, Centros de Línguas, cursos de capacitação, seminários de sensibilização para ações internacionais e aplicação de testes de proficiência. São tantos movimentos que é impossível relacionar todos. Nossos servidores passaram a contar com normatizações e regulamentações específicas para essas iniciativas, nossos alunos foram beneficiados com programas institucionais próprios de mobilidade internacional e, naturalmente, com essa exposição, passamos de coadjuvantes a protagonistas no cenário internacional. Contamos atualmente com uma rede mundial que reconhece nos Institutos Federais uma força potencial enorme de fortalecimento da Educação Profissional. O Conif tem assento no Conselho Executivo da Federação Mundial

de Educação Profissional (WFCP) e vai sediar a próxima edição do Congresso Internacional, em 2016, em Vitória/ES.

Apesar de todo o sucesso das ações de internacionalização propostas pelos IFs, o trajeto ainda é longo e repleto de desafios. Pelas especificidades da Rede Federal, precisamos de atividades contínuas de comunicação que nos apontem como instituições de ensino superiores, tanto quanto de ensino técnico; faz-se necessário abrir caminhos com países similares ao Brasil (China, Índia, Rússia e África) em termos de patamar de desenvolvimento, mas que são culturalmente muito diferentes e cujas barreiras linguísticas/culturais precisam ser superadas; é fundamental aumentar nossa representatividade junto aos órgãos de fomento, para que a compreensão do trabalho realizado pela Rede Federal possa ser incorporada de forma definitiva em futuros programas e editais; temos que trabalhar internamente em nossos campos de atuação para superarmos os problemas da burocratização e do reconhecimento dos conhecimentos vistos por nossos docentes e alunos no exterior; precisamos nos abrir para as diferentes realidades e deixar os pré-conceitos de lado para podermos absorver todas as possibilidades de desenvolvimento para a Educação Profissional brasileira.

Apenas um pequeno exemplo: em missão internacional realizada em outubro de 2014, quando pude visitar Cingapura, vi de perto um grupo de 27 estudantes de cursos técnicos do IFES realizando intercâmbio para estágio de um ano numa empresa do ramo de estaleiros. Esses alunos saíram de seu estado natal, estudaram em uma Universidade de Cingapura,



estagiaram ao mesmo tempo e retornaram para o Brasil em fevereiro de 2015 com a certeza de contrato assinado com a empresa. As instituições envolvidas são o IFES, a Universidade Politécnica Ngee Ann e o Estaleiro Jurong Aracruz. Com isso, ganha a empresa, ganha o país em técnicos qualificados e ganha o IFES como referência educacional brasileira. Modelos como esse devem e podem ser internalizados em todos os estados da federação. Ao mesmo tempo, em visita à Universidade de Chongqing, pude estar em contato com seis alunos brasileiros que realizam seus estudos nessa universidade, através de bolsa do Instituto Confúcio. Poderia citar outros tantos exemplos, parcerias com os Institutos Politécnicos Portugueses, com os Colleges Canadenses (que receberam alunos e docentes dos IFs), com Colleges dos Estados Unidos, da Inglaterra, com as Fraunhofer na Alemanha.

Enfim, as possibilidades foram abertas para a Rede Federal de Educação Profissional. Cabe a nós, nesse momento, consolidar as parcerias internacionais para ampliar o cenário de reconhecimento que se apresentou muito positivamente nesses últimos quatro anos. Certamente, a visão estratégica do governo federal que possibilitou a expansão de programas de mobilidade internacional terá um forte reflexo em nossas instituições num futuro próximo. Esse viés deve ser mantido pelos próximos quatro anos e temos que atuar fortemente para ele se consolidar interna



IFRS, IFES, IFFluminense e IFCE com Denise Amyott, presidente da World Federation of Colleges and Polytechnics, em Congresso Mundial de EPT

e externamente às nossas instituições. Isso significa que a Rede Federal deve continuar seus esforços institucionais, concursando servidores, ampliando recursos financeiros, constituindo laboratórios e centros de línguas, enfim, um conjunto de medidas para fortalecer o caminho aberto até aqui.

Sem dúvidas, avançamos muito no rumo da internacionalização de nossas instituições. Somos como aquela criança que descobre o mundo, com toda a sua diferença, beleza, dinamicidade e todos os matizes. Assim como as crianças, precisamos ser capazes de vencer nossos medos e ousar caminhar por onde nunca antes andamos. O conhecimento e o olhar para outras culturas só nos farão melhores e maiores em todas as dimensões, bem como permitirão que o Brasil alie sua tão reconhecida receptividade e afetividade a novas tecnologias e a um desenvolvimento mais sustentável e autônomo.

**Claudia Schiedeck Soares de Souza** é reitora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) e coordenadora da Câmara Temática de Relações Internacionais do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif).



Visita à Universidade Politécnica Ngee Ann, em Cingapura, com o grupo de alunos do IFES, em 2014